



MEIO AMBIENTE

Lula: guerra é mais cara do que crise climática

Ao abrir a COP30, presidente critica Estados Unidos, China e Rússia, que gastam mais com o complexo industrial-militar do que com as mudanças ambientais. E adverte: momento é de lutar contra “os obscurantistas que rejeitam as evidências da ciência”

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva mandou um duro recado, ontem, na sessão de abertura da COP30, aos líderes mundiais que desdenham das mudanças climáticas. Em uma crítica aberta aos presidentes Donald Trump, Xi Jinping e Vladimir Putin, mas sem nomeá-los, lamentou que não estejam presentes e lembrou que Estados Unidos, China e Rússia gastam mais com o complexo industrial-militar do que investindo em medidas de enfrentamento aos efeitos extremos da natureza.

“Parabéns por darem a todos nós essa lição de civilidade. Essa lição, eu diria, de grandeza humana”, ironizou Lula, para arrematar: “Provando que se os homens que fazem guerra estivessem nesta COP, eles iriam perceber que é muito mais barato colocar US\$ 1,3 trilhão, para a gente acabar com o problema climático, do que colocar US\$ 2,7 trilhões para fazer guerra, como fizeram no ano passado.”

A Conferência do Clima das Nações Unidas ocorre sem a presença dos presidentes dos três países que lideram a corrida armamentista no planeta. Levantamento do Stockholm International Peace Research Institute (Sipri), referente a 2024, mostra que os EUA investiram US\$ 997 bilhões em gastos militares. Na sequência, vêm a China e a Rússia, que desembolsaram, respectivamente, US\$ 314 bilhões e US\$ 149 bilhões em armamentos. Lula advertiu que “na era da desinformação, os obscurantistas

rejeitam não só as evidências da ciência, mas, também, os progressos do multilateralismo. Eles controlam algoritmos, semeiam ódio, espalham medo, atacam as instituições, a ciência e as universidades. É momento de impor uma nova derrota aos negacionistas. Sem o Acordo de Paris, o mundo estaria fadado ao aquecimento catastrófico de quase cinco graus até o fim do século. Estamos andando na direção certa, mas na velocidade errada. No ritmo atual, ainda avançamos rumo a um aumento superior a um grau e meio na temperatura global. Romper essa barreira é um risco que não podemos correr”.

Ao ressaltar a importância de seguir as metas do Acordo de Paris, o presidente destacou dois eventos extremos recentes. “A mudança do clima não é uma ameaça do futuro. É uma tragédia do presente. O furacão Melissa, que fustigou o Caribe, e o tornado que atingiu o Paraná deixaram vítimas e um rastro de destruição. O aumento da temperatura global espalha dor e sofrimento, especialmente entre as populações mais vulneráveis”, ressaltou.

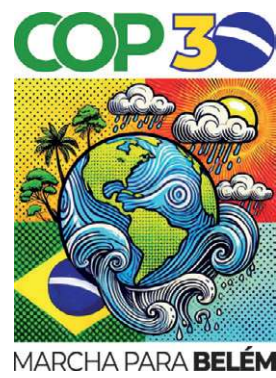
O presidente fez referência, ainda, às dificuldades enfrentadas para realizar a COP30 em Belém. “Seria mais fácil ter feito a COP numa cidade acabada, que não tivesse problema. Resolvemos aceitar o desafio de fazer a COP em um estado da Amazônia para provar que, quando se tem disposição política, vontade e compromisso com a verdade, a gente prova que não tem nada impossível para o homem”, disse.

Ricardo Stuckert/PR



Parabéns por darem a todos nós essa lição de civilidade. Essa lição, eu diria, de grandeza humana. Provando que se os homens que fazem guerra estivessem aqui nessa COP, eles iriam perceber que é muito mais barato colocar US\$ 1,3 trilhão para a gente acabar com o problema climático, do que colocar US\$ 2,7 trilhões para fazer guerra, como fizeram no ano passado”

Presidente Lula, alfinetando as ausências de Trump, Xi Jinping e Putin



Multilateralismo

Já o presidente da COP, embaixador André Corrêa do Lago, defendeu a necessidade de ações imediatas contra as mudanças climáticas. “O que mudou imensamente sobre esse processo é a questão da urgência. Esse é o elemento adicional, que está tão presente e somos lembrados, com grande tristeza. Temos uma

responsabilidade imensa”, cobrou. Segundo o embaixador, a saída para o enfrentamento às mudanças climáticas ainda é multilateralismo, que vem sendo confrontado por governos de direita, sobretudo de Trump. “A ciência, a educação e a cultura são o caminho que devemos seguir. Para o combate à mudança do clima, o multilateralismo é definitivamente o caminho”, observou.

Como exemplo de iniciativas multilaterais bem sucedidas, Corrêa do Lago citou o Protocolo de Montreal, assinado em 1987, que baniu o uso de substâncias danosas à camada de ozônio — que está em recuperação e deve fechar entre 2040 e 2050 — em aerossóis e outros produtos; e o Acordo de Paris. Até 21 de novembro, as delegações vão debater as medidas de mitigação às mudanças do clima.

Helder rebate Trump com convite

» GIOVANNA SFALZIN

Apesar de não estar presente à COP, Donald Trump atraiu as atenções ao publicar, em sua rede social — a Truth Social —, uma mensagem dizendo que a Amazônia foi destruída para a construção de uma estrada. Na postagem, ele diz que “eles (os brasileiros) destruíram a Floresta Amazônica no Brasil para a construção de uma rodovia de quatro faixas para que ambientalistas pudessem viajar”. Segundo o presidente norte-americano, a obra

tornou-se “um grande escândalo”.

Com a mensagem, Trump postou um vídeo de quatro minutos da Fox News, com uma reportagem do enviado da emissora a Belém para cobrir a COP. A reportagem cita a Avenida Liberdade, uma das apostas do governo estadual para destravar a mobilidade na capital paraense. Ela corta a Área de Proteção Ambiental da Região Metropolitana (APA Belém) e passa próximo ao Parque do Utinga.

Na abertura da COP, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva

tangenciou a crítica de Trump. Frisou que os investimentos feitos em Belém beneficiarão os moradores mesmo depois da conferência, acrescentando que a Amazônia não é “uma entidade abstrata”, mas, sim, a casa de milhões de brasileiros.

Quem rebateu Trump foi o governador paraense Helder Barbalho. Também pelas redes sociais, respondeu à provocação do presidente dos Estados Unidos ao alfinetá-lo de que “em vez de falar de estradas, o presidente

norte-americano deveria apontar caminhos contra as mudanças climáticas. Poderia celebrar a redução histórica no desmatamento da Amazônia, com destaque para o estado do Pará”.

Helder sugeriu que Trump siga o exemplo do Brasil, que anunciou investimentos na preservação de florestas. E convidou-o a comparecer à COP. “Ainda dá tempo de passar na conferência, presidente Trump. Esperamos você com um tacacá. É melhor agir do que postar”, alfinetou. (Com VC)

Reprodução/X



Em vez de falar de estradas, o presidente norte-americano deveria apontar caminhos contra as mudanças climáticas.

Poderia celebrar a redução histórica no desmatamento da Amazônia - com destaque para o estado do Pará, que obteve o seu melhor resultado.

Ou, no mínimo, seguir o [Mostrar mais](#)



Helder sugeriu a Trump que faça como o Brasil e invista na preservação

Para governador da Califórnia, EUA desrespeitam Brasil

» VINICIUS DORIA

Em visita ao Brasil, o governador californiano Gavin Newsom, do Partido Democrata, fez uma severa crítica ao governo dos Estados Unidos por não mandar a Belém nenhum representante oficial para participar da COP30, aue começou, ontem, na capital paraense. No Simpósio Global de Investidores São Paulo 2025, promovido pelo Milken Institute, ele disse que é “uma vergonha” para os EUA não tivessem enviado delegação para o evento.

“Não há ninguém do governo americano para mostrar respeito a vocês (brasileiros). Esqueça a política: é um desrespeito. Estamos no Brasil, um dos nossos maiores parceiros comerciais e uma das grandes democracias do mundo. Tanta terra rara aqui, mas, em vez disso, ‘dedo do meio’ com tarifas de 50%. É vergonhoso”, disse Newsom, um feroz

crítico do presidente Donald Trump.

O governador californiano deixou claro que está no Brasil para ocupar “o vácuo” deixado pela administração Trump, que, além de não reconhecer a emergência do aquecimento global, retirou a maior economia do mundo dos principais fóruns de debate da questão climática — como o Acordo de Paris, que fixa metas para emissões de gases do efeito estufa.

“Queixo caído”

“Estou aqui (no Brasil) por causa da ausência de qualquer liderança do governo dos EUA. É um vácuo, é de deixar o queixo caído. Nem um representante, nem um para fazer anotações, foi a Belém. Isso é uma reversão completa do progresso feito pelo governo (de John) Biden (presidente democrata que antecedeu

Divulgação/Gavin Newsom no X



Newsom (D) é um feroz crítico de Trump e considerou que Washington deu o “dedo do meio” ao Brasil por conta, também, do tarifaço de 50%

Trump na Casa Branca)”, disse. Para Newsom, Trump patrocinou “uma guerra ideológica em nível federal”. “São interesses, ponto final, siga o dinheiro”, completou. Ele ressaltou que adota, em seu estado, uma abordagem oposta à da

Casa Branca: “Estamos dobrando a aposta na estupidez nos Estados Unidos, mas não no estado da Califórnia”, criticou.

Newsom é esperado hoje na capital paraense para participar de debates sobre transição energética e

políticas que estão sendo desenvolvidas na Califórnia, estado mais rico dos EUA e vanguarda em ações de mitigação dos efeitos do aquecimento global. Também está previsto que ele visite comunidades indígenas.

Em setembro, Newsom assinou,

com a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, um acordo de parceria entre a Califórnia e o Brasil para desenvolvimento de projetos de energia renovável e mercado global de carbono.

Sem representação federal, os EUA estarão presentes na COP com mais de 100 pessoas, incluindo, ao menos, três governadores de estado. Além de Newsom, está prevista a chegada dos governadores Tony Evers (Wisconsin) e de Michelle Lujan (Novo México) a Belém, e de prefeitos de cidades progressistas dos EUA, como Kate Gallego, de Phoenix (Arizona).